



## DOIS FILMES DIFERENTES EM SALA DE AULA: O ARGENTINO RELATOS SELVAGENS (2014) E O BRASILEIRO DURVAL DISCOS (2002) COMO OBJETOS DE ANÁLISE SOBRE O INDIVÍDUO EM SOCIEDADE

*TWO DIFFERENT FILMS IN THE CLASSROOM: THE ARGENTINE RELATOS  
SELVAGENS (2014) AND THE BRAZILIAN DURVAL DISCOS (2002) AS OBJECTS OF  
ANALYSIS ABOUT THE INDIVIDUAL IN SOCIETY*

 **Luiz Eduardo Pinto Barros**

Doutor em História

Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Franca, SP – Brasil

[luizeduardopb@hotmail.com](mailto:luizeduardopb@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo trata de dois filmes que podem ser utilizados em sala de aula em disciplinas que buscam articular seus conteúdos com temas integradores e contribuir para a formação consciente e cidadã de nossos discentes. Apresenta-se uma proposta metodológica a fim de orientar a atividade docente e estimular o exercício crítico e reflexivo dos alunos por meio do diálogo e da prática escrita. O objetivo é analisar cada filme e extrair os elementos que possibilitam refletir sobre o comportamento dos indivíduos. As películas são o argentino *Relatos Selvagens* (2014) e o brasileiro *Durval Discos* (2002). Ambos possibilitam várias reflexões sobre as ações dos sujeitos no meio social nas mais diversas situações e permitindo analisar a relevância do exercício da solidariedade, da subsidiariedade e da participação entre os indivíduos. A experiência permite apontar a relevância do entretenimento como instrumento a ser explorado, favorecendo a utilização do cinema como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** comportamento; reflexão; ação.

**Abstract:** This article is about two films that can be used in the classroom in disciplines that seek to articulate their content with integrating themes and contribute to the conscious and citizen education of our students. A methodological proposal is presented in order to guide teaching activity and stimulate critical thinking of students through dialogue and written practice. The objective is to analyze each film in its content and extract the elements that make it possible to reflect on the individual's behavior. The films mentioned are the Argentine *Relatos Selvagens* (2014) and the Brazilian *Durval Discos* (2002). The two films allow to make various reflections about the persons and their actions in different situations and allowing to analyze the relevance of the exercise of solidarity, subsidiarity and participation among individuals. The experience allows pointing out the relevance of entertainment as an instrument to be explored, favoring the use of cinema as a tool in the teaching-learning process.

**Keywords:** behavior; reflection; action

**Para citar – ABNT NBR 6023:2018**

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. Dois filmes diferentes em sala de aula: o argentino *relatos selvagens* (2014) e o brasileiro *Durval Discos* (2002) como objetos de análise sobre o indivíduo em sociedade. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 96-114, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n1.20756>.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral apresentar o cinema como instrumento de trabalho em sala de aula nas disciplinas letivas associadas às Ciências Humanas no geral com turmas de Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, por meio de dois filmes que não fazem parte do universo de *Hollywood*. O primeiro é o argentino *Relatos Selvagens* (2014) e o segundo é o brasileiro *Durval Discos* (2002). Ambos já foram utilizados pelo autor deste artigo em sala de aula e possibilitam grandes debates e reflexões pelos vários elementos inseridos nestes filmes e que serão tratados ao longo deste trabalho. Porém, não se faz uma análise de como estes filmes foram produzidos e a análise subjetiva da intenção dos responsáveis pela criação destas películas, nem mesmo fazer uma comparação de ambas as produções. Mas sim, explorar os elementos contidos nas tramas que são essenciais para serem trabalhados em sala de aula. Nesta perspectiva, Marcos Napolitano faz o seguinte apontamento.

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio da reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos: adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação de ensino-aprendizagem (NAPOLITANO, 2013, p. 16).

Uma das principais propostas educacionais no Brasil nas últimas décadas é o trabalho com temas transversais. Isto foi materializado com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na segunda metade da década de 1990 e vem ganhando maior espaço nas discussões sobre currículos escolares e práticas de ensino em sala de aula. Dentre os temas propostos está o exercício da cidadania em sociedade tendo como tema condutor a ética, sendo que o conceito desta passou por várias concepções ao longo da história que não será aprofundada aqui. Segundo o *Dicionário Aurélio* Buarque de Holanda, a ética é “o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto” (FERREIRA, 2009, p.10). Assim, mesmo sendo um ser racional, o ser humano necessita de orientação para conduzir suas ações no meio social buscando atingir o bem comum. Neste artigo trabalharemos com os princípios de solidariedade, subsidiariedade e participação que são elementares para compreender a o comportamento ético.

Ao utilizar o cinema como instrumento no trabalho pedagógico é possível perceber que os dois filmes escolhidos, em seus enredos, provocam o telespectador a refletir sobre o seu comportamento em sociedade pelas circunstâncias em que os personagens estão inseridos. No decorrer deste trabalho é apresentada uma proposta metodológica já experimentada em sala de aula visando

orientar os professores interessados na utilização das películas. Ao mesmo tempo, são apresentadas as sinopses dos filmes e sugestões de como explorar seus conteúdos a fim de qualificar as atividades. O principal objetivo é potencializar o exercício crítico dos discentes por meio da observação materializada na prática da escrita.

Neste sentido, o presente artigo pretende contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nas relações entre docentes e discentes por meio da utilização do entretenimento.

### **A possibilidade da utilização do cinema em sala de aula**

Nos tempos atuais um dos grandes desafios para professores de História e das Ciências Humanas no geral em turmas do Ensino Básico (Fundamental e Médio), incluindo a Educação de Jovens e Adultos, é trazer para a sala de aula temas que envolvam o cotidiano de seus alunos. Segundo Leandro Karnal “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (KARNAL, 2008, p. 28). O exemplo da disciplina de História neste parágrafo parte da experiência do autor do presente artigo, mas serve como ponto de partida para as demais disciplinas das Ciências Humanas.

Neste cenário, trabalhar com temáticas envolvendo as relações sociais de forma geral no cotidiano são relevantes para alcançar o interesse dos alunos. Isto pode ser percebido no apontamento de Yves de la Taille ao mencionar que no espaço escolar atual compete

Fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. (TAILLE, 2003)

E uma das maneiras de proporcionar reflexões a respeito é utilizar o cinema como instrumento em sala de aula, pois os filmes permitem ao indivíduo ter a sua percepção do mundo. Para Gualtarri, os sujeitos não são apenas afetados apenas pelos personagens e pela história do filme, mas que há inúmeras outras intensidades que têm essa capacidade de afetar, de produzir componentes subjetivos a serem incorporados na constituição psíquica do sujeito. Sendo assim, os códigos se embarçam sem que nenhum jamais consiga ser sobreposto em relação aos demais, “sem constituir ‘substância’ significante; passa-se, num vaivém contínuo, de códigos perceptivos a códigos denotativos, musicais, conotativos, retóricos, tecnológicos econômicos, sociológicos etc.” (Gualtarri, 1980, p. 113).

Ao levar em consideração a potência múltipla que o cinema tem ao agenciar matérias-primas para o processo de subjetivação, não é fácil considerar o sujeito individual como não divisível. A subjetividade em tal situação não é passível de totalização, pois compartilha várias intensidades e se produz em meio aos mais variados encontros sociais. Em função disso, Guattari e Rolnik consideram que “o indivíduo (...) está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade” (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 34).

Para Baduy, Carvalho e Passini “ainda que exista a pretensão de definir o sujeito a partir de uma individualidade, as variações do humano são possíveis dentro de uma multiplicidade que o habita em função de sua constituição no coletivo” (2015, p.394). No fragmento que segue, Guattari e Rolnik expõem essa concepção de uma subjetivação produzida em âmbito social e na qual a subjetividade é inerente:

Sempre há a pretensão do ego se afirmar numa continuidade e num poder. Mas a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola absolutamente a essa representação do indivíduo. Essa produção é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutações de universos de valor e de universos de história (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 32).

Diante das possibilidades que o cinema propõe para interpretar as diferentes ações e reações dos sujeitos, utilizar filmes em sala de aula como um dos meios de provocar reflexões em busca de caminhos para a cidadania é algo mais do que relevante, sobretudo, no presente. Sendo assim, nos próximos parágrafos apresentamos um método, experimentado em sala de aula com alunos do Ensino Médio regular e na Educação de Jovens e Adultos, palpável de ser trabalhado utilizando dois filmes sul-americanos com enredos que possibilitam várias reflexões no âmbito histórico, social e psicológico e que, ao mesmo tempo, chamam a atenção para o público brasileiro (e o restante da América Latina) pelo fato de existirem películas de grande relevância produzidas em seu próprio país e nos países vizinhos, demonstrando a possibilidade de, pelo menos de vez em quando, assistir algo diferente do consagrado e bilionário cinema *hollywoodiano*.

### **Metodologia de trabalho com os dois filmes em sala de aula**

Um dos autores brasileiros na área das Ciências Humanas que dedica seus trabalhos sobre a utilização de filmes em sala de aula é o historiador Marcos Napolitano. Para ele “o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre uma possibilidade para o trabalho na escola” (NAPOLITANO, 2009, p. 15).

Para o docente que pretende trabalhar com determinado filme em sala de aula, seria interessante que ele assista a mesma película pelo menos três vezes para ficar atento ao conteúdo e os detalhes que a produção pode oferecer para discussão. Ao mesmo tempo é importante ficar atento aos materiais para transmissão do filme na escola, como datashow, televisão, caixas-de-som, projetores e outros. É relevante que o dia da apresentação seja pré-definido no planejamento de aula para facilitar a realização das atividades (NAPOLITANO, 2009). Caso não seja possível que os alunos assistam o filme inteiro no mesmo dia, o mesmo pode ser terminado nas aulas seguintes. Isso não significa que a película possa ser utilizada, por exemplo, nos cinquenta minutos de aula. Mas sim, em vinte ou trinta minutos. Deixando o tempo restante para preparação do equipamento e conversa com os alunos sobre o conteúdo do filme que foi assistido anteriormente.

Neste artigo, a proposta é trabalhar com dois filmes já testados em sala de aula e que proporcionaram experiências produtivas. O tema central é as relações humanas em sociedade diante de situações que desafiam a racionalidade e o comportamento para o bom andamento das relações sociais. Segundo Mauriceia Guzzo,

Quando convivemos em sociedade, em determinado momento, os objetivos individuais serão conflitantes e, conseqüentemente, essa divergência fará com que cada pessoa assumira uma postura pessoal e que acredite ser a mais adequada para o alcance do seu objetivo. Assim, torna-se necessário decidir entre o que é certo e errado, bom ou ruim, e aquilo que deverá prevalecer: o individual ou o coletivo? (GUZZO, 2011,p.20).

Sendo assim, dialogar com os conceitos de “certo” e “errado” nas relações humanas permitem abordar a temática sobre a “Ética” e relacioná-la a ordem social que é formada pelos princípios básicos de solidariedade, subsidiariedade e participação. Estes possibilitam a realização plena do indivíduo no seu convívio em sociedade (SERTEK, 2002).

Antes da apresentação dos filmes, o docente pode tratar de cada um dos princípios mencionados por Sertek. A solidariedade que busca o bem comum da sociedade. A subsidiariedade que estimula cada indivíduo aplique os meios possíveis a fim de contribuir para a edificação da sociedade em que vive. E finalmente a participação que permite a liberdade dos indivíduos realizarem associações honradas e enriquecendo o bem comum (SERTEK, 2002).

A etapa seguinte seria utilizar alguns casos práticos em que estes três princípios são necessários, tendo como exemplo: a limpeza das cidades; a preservação do meio ambiente; o respeito as pessoas mais necessitadas a determinados tipos de atendimento (portadores de necessidades especiais, idosos, mulheres grávidas e outros casos); a importância da arrecadação de impostos pelo Estado para atender as demandas sociais e econômicas do país; a harmonia nas relações de trabalho e outros casos. A partir destes exemplos, o docente pode provocar os alunos a responderem em

quais situações tais princípios não ocorrem e quais são as consequências para o indivíduo em sociedade. Isto possibilitará as mais diferentes respostas que devem ser colocadas na lousa. A partir delas, o docente deverá focar naquelas que ele identificar estarem presentes nos dois filmes. Ou seja, o que os conteúdos das películas apresentam como consequências da falta de solidariedade, subsidiariedade e participação entre os indivíduos na dinâmica social. Feito isto, os alunos serão aconselhados a anotarem em seus cadernos, enquanto estão assistindo as produções, as cenas que identificam como “falhas de comportamento humano”. É uma maneira de possibilitar um debate produtivo quando os filmes terminarem de serem exibidos para os alunos. E, depois de um prazo para entrega, elaborar um relatório sobre a temática trabalhada e como foi observada ao assistirem os dois filmes. É uma maneira de estimular a prática da escrita discente. Nos primeiros parágrafos os alunos deverão escrever a respeito da relevância da solidariedade, da subsidiariedade e da participação dos indivíduos no meio social. Em seguida identificar nos filmes a presença e a ausência destes elementos e finalmente apresentarem uma conclusão individual pensando no bem-estar dos indivíduos.

Nos parágrafos seguintes serão apresentados o conteúdo de ambos os filmes e as possibilidades de tirar maior proveito dos mesmos como exemplos relevantes de utilizar o cinema no processo de ensino-aprendizagem nas relações entre docentes e discentes.

### Relatos selvagens

Lançado em 2014 e dirigido por *Damián Szifron*, *Relatos Selvagens* é um filme argentino de comédia dramática que chamou a atenção de cineastas e telespectadores em todo o mundo. Conquistou 44 prêmios (argentinos e internacionais) e foi indicado ao *Óscar de Melhor Filme Estrangeiro* em 2015. Seu conteúdo possui seis histórias com circunstâncias que promovem reflexões para o telespectador. Pode-se considerar que o filme, a princípio, possibilita entender que a melhor comédia vem da tragédia e explora o que no senso comum é chamado de “humor negro”. Nos próximos parágrafos vamos fazer uma exposição do filme e articular as cenas consideráveis para promover debates e reflexões em sala de aula.

O primeiro enredo, chamado *Pasternak*, ocorre dentro de um avião que está partindo em direção ao interior da Argentina. No diálogo entre uma modelo (Isabel) e um crítico de música clássica (Salgado), ambos percebem que coincidentemente conhecem uma mesma pessoa, Gabriel Pasternak. Este teria sido ex-namorado da modelo que teve um término de relacionamento traumático e, ao mesmo tempo, participou de um concurso musical em que foi reprovado pelo crítico que fez piada depreciando o rapaz. Em poucos instantes outros passageiros começaram a fazer parte do diálogo e manifestaram conhecer Gabriel Pasternak (uma ex-professora que o reprovou

na escola; um ex-gerente que o demitiu; um ex-colega que praticava *bullying* contra ele; o amante de sua ex-namorada que era seu melhor amigo de infância; seu psiquiatra que aumentou o preço das consultas; e a aeromoça que desprezou os convites de Gabriel para ter um romance). Logo a aeromoça informou a todos os passageiros que Gabriel Pasternak era o comissário de bordo daquele voo e trancou a cabine do avião imobilizando os pilotos. Em segundos o avião muda seu trajeto de modo brusco em direção ao chão num ato suicida. O ex-psicólogo de Gabriel Pasternak tenta convencê-lo a não fazer aquilo, pois os verdadeiros culpados de seus traumas e ressentimentos eram os seus pais. Na última cena do episódio um casal de idosos está sentado na beira de uma piscina e percebe que um avião vai cair sobre eles, eram os pais de Gabriel Pasternak.

Este primeiro episódio é o mais surreal dos seis, pois é difícil imaginar que alguém conseguiria colocar dentro de um avião todas as pessoas que ela mais odeia na vida. Mas a grande reflexão que esta primeira parte do filme promove é a respeito dos traumas e ressentimentos. E as circunstâncias presentes nos diálogos são: o *bullying* sofrido na escola; a pressão dos pais; a namorada que cometeu traição; a reprovação nas notas escolares; o sonho desfeito num concurso musical por parte de um crítico que ainda fez piada; e a demissão de um emprego. Debatendo este episódio em sala de aula com várias turmas de Ensino Médio, pode-se perceber que as reações dos discentes são distintas, apesar de ninguém apoiar o ato, felizmente. Demonstrações como “quem apanha nunca esquece” foi a mais falada, pois é claramente uma situação que apresenta traumas e ressentimentos. Mas a versão oposta que partiu do professor, e foi compartilhada pela grande maioria dos alunos, é de que a melhor forma de superar é “dando a volta por cima” em diferentes situações, seja nos estudos, trabalho, profissão, carreira, namoro ou casamento. Até mesmo aqueles que demonstraram “encanto” com a ideia e a ação de Gabriel Pasternak perceberam as consequências de um ressentimento não trabalhado e a importância de buscar ajuda, seja de uma orientadora educacional, psicóloga e/ou amigos. Certamente este é o episódio que mais permite dialogar com os alunos e as alunas possibilitando esboçarem pensamentos e fazerem reflexões. Fazendo um diálogo com os princípios de solidariedade, subsidiariedade e participação podemos observar a falta dos três nos diálogos entre os passageiros do avião. Não havia a compreensão sobre a vivência de Gabriel Pasternak e seus traumas. Ao contrário, havia um julgamento em forma de desprezo e chacota. Não houve a subsidiariedade para fazê-lo superar suas dificuldades e menos ainda a possibilidade de fazer o personagem ter uma participação positiva na sociedade como exemplo de superação. Como consequência, Pasternak tomou uma medida extrema sendo a vingança resultando em morte. Uma questão que promove discussões sobre os efeitos que a falta dos três princípios utilizados causa o ressentimento no indivíduo com possíveis consequências trágicas.

A segunda história chama-se *Las Ratas* e ocorre numa lanchonete de uma rodovia. Um empresário do ramo imobiliário e agiota chega no local e é atendido por uma garçonete. Logo a moça percebe quem ele é e revela para a cozinheira que por causa daquele homem o pai dela perdeu tudo ao cobrar uma dívida e depois cometeu suicídio, além de sua mãe ter sofrido assédio do mesmo agiota durante o velório. A cozinheira, ex-presidiária, propõe colocar veneno de rato na comida do homem, mas a moça não concorda. Quando a garçonete vai servir à mesa, o agiota pede uma opinião pessoal para ela a fim de saber qual a melhor fotografia para a sua campanha de prefeito da sua cidade. Em seguida, na cozinha, a moça descobre que a cozinheira colocou o veneno de rato no prato do rapaz. Em seguida, o filho do agiota entra na lanchonete e começa a dividir o prato com o seu pai. A garçonete fica desesperada e, sem falar o motivo, tenta retirar o prato da mesa alegando que iria “esquentar a comida que pode estar fria”. O agiota não gosta da atitude e agride verbalmente a moça no mesmo instante que o filho dele começa a passar mal. Desesperada, a garçonete joga a comida no rosto do agiota que em resposta segura de forma violenta a moça. Em poucos segundos a cozinheira perfura com várias facadas nas costas o agiota levando-o a morte. No fim, a cozinheira é presa.

Este é o episódio que tem o desfecho mais violento do filme. Neste caso, a protagonista (a garçonete), mesmo ressentida, evita cometer atos de vingança. Temos aqui uma situação em que o ser humano busca ser solidário (evitando que o filho do agiota engula o veneno por engano, sabendo que ele não tem culpa pelos crimes do pai), ao mesmo tempo tentando impedir que o próprio algoz de seu pai morto pague com a vida. Ao término deste episódio, o docente pode pedir para os alunos que manifestem seus pensamentos a respeito e se conhecem exemplos em que pessoas injustiçadas e ressentidas evitaram cometer atos de vingança. É uma pergunta provocativa e de reflexão para eles: se todos os ressentidos fossem vingativos a sociedade em que vivemos seria pior?

A terceira história é chamada de *El más Fuerte* e ocorre numa estrada ligando a capital federal Buenos Aires à província de Salta no norte da Argentina. Um homem de terno (Diego Iturralde) dirigindo um carro novo da marca alemã *Audi* ao tentar ultrapassar um carro antigo e mal cuidado é bloqueado pelo motorista (Mario). Ao fazer a ultrapassagem pela direita o personagem diz para seu antagonista: “você é um pobre recalcado” e faz um gesto ofensivo com a mão esquerda. Alguns quilômetros à frente o pneu direito traseiro de seu *Audi* fura e ele precisa descer para fazer a troca pelo estepe. Não conseguindo trocar o pneu, ele pede ajuda por telefone para a empresa que administra a rodovia. Com a demora do auxílio, ele mesmo tenta fazer a troca. Quase antes de parafusar a roda, seu antagonista aparece e encosta seu carro na parte da frente do *Audi*. Amedrontado por uma possível represália do que ocorreu nos quilômetros anteriores quando ofendeu o rapaz



com o carro mais antigo, Diego fica trancado dentro do carro. Mario, percebendo a situação, começa a quebrar o veículo com uma chave de roda e ainda urina e defeca no vidro dianteiro para fazer a sua vingança. Ofendido com a situação, Diego abaixa o freio-de-mão (quando Mario estava dentro do veículo) e empurra o veículo de seu antagonista para uma ribanceira e foge. Não satisfeito, Diego dirige por alguns quilômetros e faz um retorno para atropelar Mario. Ao fazer a manobra, o parafuso mal apertado do pneu traseiro se solta e seu carro também cai na ribanceira ficando na posição vertical. Logo, Mario aproveita a situação e entra dentro do carro de Diego para se vingar. Depois de alguns socos com o aparelho de som do carro tocando uma música romântica, Mario deixa Diego amarrado pelo pescoço com o sinto de segurança, consegue sair e ascende um isqueiro no tanque de gasolina para causar uma explosão. Porém, Diego consegue se libertar e puxa as pernas de Mario. No momento da chegada do guincho solicitado por Diego para auxiliá-lo na troca do pneu furado, o *Audi* explode. Na cena final, equipes de resgate e policiais chegam ao local. Após apagar o incêndio, os esqueletos de Diego e Mario estavam abraçados. Um dos investigadores faz o seguinte questionamento: “será que foi crime passionai?”.

Este episódio possibilita várias discussões, a começar, pelas classes sociais. De início a frase “você é um pobre recalcado” já possibilita fazer o espectador se identificar com o antagonista e “torcer” para que tudo possa dar errado com um sujeito mais rico, claro sendo aquele que assiste ao filme alguém identificado com a sua classe social (o mesmo pode ocorrer com as classes sociais mais ricas) e permite a reflexão sobre o preconceito em relação a própria classe social. De fato, o sujeito com seu carro mais novo passa por problemas e quem sabe poderia receber ajuda de seu antagonista mais pobre, mas não é o que ocorre. A vingança de Mario destruindo o carro mais novo instintivamente já causa tensão. Surge um questionamento relevante: não seria melhor ajudar alguém que te menosprezou pela classe social ao invés de simplesmente destruir o bem material dele? As respostas podem ser das mais variadas. Poderia ser necessário apenas ignorar a situação de seu antagonista e não o auxiliar na troca do pneu ou simplesmente ajudá-lo. No caso desta última resposta surge outra questão: de que adianta ter um bem de grande valor e não saber usá-lo em situações como está? Isto vai além da classe social onde o sujeito está situado. Como o enredo mostra uma situação de vingança destruindo o carro, Diego retruca empurrando o carro velho seu antagonista para a ribanceira. Ao fugir do local, não se contenta e faz o retorno para tentar atropelar Mario e o resultado é um desastre. Uma briga de trânsito terminou em morte. Outra questão que permite discutir até que ponto vale a pena uma discussão de trânsito ou uma situação menos complicada que acaba gerando um sentimento de inferioridade momentânea e, dependendo do indivíduo, extrapola seus sentimentos com agressões físicas que geralmente tem consequências consideráveis nos sujeitos. Percebemos claramente a falta de solidariedade, subsidiariedade e participação

com outro, mais especificamente no trânsito. Solidariedade ao perceber que o veículo da frente está na faixa errada e atrapalha que vem atrás. Falta de subsidiariedade ao ajudar o próximo para trocar o pneu do veículo e conseqüentemente de participação. Afinal, o sujeito mais rico, sendo ajudado por alguém com menos condições financeiras teria a chance de perceber que seu preconceito com um “pobre recalcado” é inútil e precisamos de todos para suprir nossas necessidades. Questões como estas que podem ser colocadas pelo professor no término deste episódio.

A quarta história é chamada de *Bombita*. Um engenheiro civil (apelidado de *Bombita*) que é especialista na explosão de prédios passa por uma situação complicada em meio a realidade urbana da cidade de Buenos Aires. Depois de estacionar o seu carro em um local que não havia a sinalização de “proibido estacionar”, descobre que o veículo foi guinchado por uma empresa de serviços terceirizada pela prefeitura. Ao tentar recuperar seu carro, pagou uma taxa com valor elevado e ainda não conseguiu chegar a tempo para o aniversário de sua filha. No dia seguinte, tentando ser indenizado pela situação por alegar que seu carro não estava em local proibido, tenta agredir o funcionário que o atendeu na sede da empresa responsável por administrar as questões de trânsito de Buenos Aires. Logo o personagem é rendido pelos seguranças e vai parar na delegacia. A empresa para qual ele trabalha paga a fiança de sua soltura, mas o demite. O motivo: a mesma empresa tem contratos milionários com a prefeitura e não era interessante um funcionário aparecer nas manchetes dos jornais criticando a corrupção envolvendo os políticos do poder municipal e seus parceiros. Para piorar a situação, sua esposa pede o divórcio e ele, também, perde o direito de guarda compartilhada de sua filha por estar desempregado. Tentando superar os contratemplos, ele procura emprego, mas é ignorado por outras empresas que são parceiras da prefeitura. E, além disso, novamente teve o seu carro guinchado mesmo não ter sido estacionado em local proibido. Revoltado, o engenheiro coloca bombas no porta-malas de seu carro e estaciona o veículo em local proibido de propósito. Enquanto toma café e come croissant numa padaria, observa seu carro sendo guinchado de forma tranquila. Quando o guincho chega ao estacionamento da empresa responsável por tais serviços ocorre uma forte explosão. Não houve feridos, pois o raio da explosão foi calculado. Notícias sobre a possibilidade de terrorismo surgiram, mas foram descartadas. Mensagens nas redes sociais e principais sítios argentinos apoiaram o engenheiro que foi preso e levantaram debates sobre a corrupção nos serviços de guincho da prefeitura. Mensagens de apoio pela libertação de *Bombita* foram feitas aos milhares. Ironicamente, na cadeia o engenheiro tornou-se um herói e recuperou o amor de sua esposa.

Certamente esta é a história do filme que a maioria das pessoas são capazes de se identificar. Provavelmente em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos muitos discentes vão manifestar suas opiniões contando situações semelhantes quando passaram raiva diante da burocracia

em serviços públicos e privados (principalmente bancos). Os primeiros questionamentos desta história: a burocracia nos serviços públicos é eficiente? Os cidadãos que pagam seus impostos são tratados como merecem? A corrupção em serviços de licitação é algo que realmente acontece? E se acontece, quem lucra com isso? Não há dúvidas que assuntos em sala de aula não faltarão.

Outra questão que surge neste episódio: qual seria o motivo de alguém ganhar as manchetes de jornal, sites e revistas depois de ter cometido um crime e ainda conseguir forte apoio popular? Esta é provavelmente a maior ironia provocada pelo filme. *Bombita* conseguiu materializar seu ressentimento explodindo não apenas um local corrupto, mas que simbolizou um protesto contra a própria corrupção. Tanto que no final do episódio, redes sociais pediam que ele explodisse a sede da Receita Federal da Argentina. Neste caso, podemos claramente observar que “corrupção gera violência”. Sim, está foi uma das frases destacadas nas manchetes de jornal no final do episódio. Apesar do final da história dar um “gosto saboroso” para o espectador, a grande reflexão a ser feita é que viver na prisão por muitos anos não é a melhor opção para combater a corrupção. Diante de todos estes questionamentos, percebemos que a solidariedade para com o protagonista ocorreu após a sua prisão, pois muita gente se identificou com ele. Mas isto é bom ou ruim? Causar uma explosão de forma proposital é ruim e inaceitável. Por isso, a pergunta seria: por qual motivo as pessoas não se solidarizaram com ele quando sofreu a injustiça? Sem dúvida, esta questão provocará diversas reflexões que possibilitaram as mais diversas respostas entre os discentes.

A quinta história chama-se *La Propuesta*. Santiago é um jovem e filho de uma família de classe alta em Buenos Aires. Ele chega em casa pela manhã num sábado chorando para seus pais dizendo que atropelou uma mulher grávida e não prestou socorro. Pelos noticiários todos descobrem que a moça e o bebê faleceram. Tentando resolver a situação, seu pai (Maurício) chama seu advogado e, em seguida, faz uma proposta para seu caseiro (José) assumir a culpa para evitar que seu filho seja condenado e preso. Em troca propõe pagar a quantia de US\$500 mil dólares e ele aceita acreditando que jamais receberia este dinheiro trabalhando a vida toda. O advogado arma a situação preparando o carro como se tivesse sido dirigido pelo caseiro. Porém, em poucos instantes a polícia chega com um de seus investigadores. Ao ouvir a história forjada, o investigador percebe que o carro não foi dirigido pelo caseiro e pede para conversar o filho (o verdadeiro autor do crime) e a esposa de Maurício. Sabendo que o investigador descobriria a farsa, o advogado pede autorização de Maurício para tentar corromper o investigador. Depois de alguns minutos de conversa com o oficial da lei, o advogado retorna e avisa a Maurício que o investigador aceitou o suborno pedindo US\$ 1 milhão de dólares por perceber que ele é rico. Para piorar a situação, o advogado pediu mais US\$ 500 mil dólares para ele por estar arquitetando tudo, algo repreendido por Maurício por já pagar elevados valores anuais ao advogado, mas acaba aceitando pagar. Enquanto o advogado vai

atrás do investigador para confirmar o negócio malicioso, o caseiro escondido atrás da porta pede para Mauricio pagar a mais do que havia sido acordado anteriormente, além de ganhar dois apartamentos por ir pra cadeia no lugar de seu filho. Sabendo do prejuízo que sofreria, Mauricio acabou aceitando e reúne-se com o advogado, o inspetor e o caseiro. Em dado momento, seu filho Santiago aparece durante a reunião e diz que vai assumir a sua responsabilidade pelo crime, mas seus pais negam e continuam com a farsa. Ainda durante a reunião, Mauricio descobre que seu advogado mentiu quanto ao valor cobrado pelo investigador e exige que possíveis outros subornos para juízes e procuradores sejam pagos por eles dentro dos valores exigidos por cada um para manter a farsa. Sem acordo, Mauricio fica revoltado e diz que não vai pagar ninguém. Além disso, pede para seu filho assumir a responsabilidade pelo crime. Mas sua esposa tenta fazê-lo mudar de ideia. Depois inúmeras discussões, Mauricio aceita pagar “apenas” US\$ 1 milhão de dólares no total e que fosse dividido entre o advogado, o investigador e o caseiro. No final do episódio, saindo com o rosto coberto pela multidão que protestava em frente a mansão pelo assassinato, o caseiro é escoltado pela polícia para manter a farsa. Porém, no meio das pessoas surge o marido da vítima com um martelo e assassina o “criminoso”.

Certamente dentre as seis histórias, está é a que mais causa indignação ao espectador e promove praticamente um consenso: o motorista bêbado que não prestou socorro deve pagar pelo crime que cometeu. Nesta história, o ressentimento parte do espectador que provavelmente cansou de ver noticiários em que um sujeito de família rica foi absolvido após causar a morte de uma pessoa independente de ser no trânsito ou em outra situação. A primeira reflexão neste episódio é: qual o preço pela superproteção materna e/ou paterna, principalmente numa família com grandes poderes aquisitivos e conseqüentemente capazes de pagar advogados caros em casos semelhantes? O filho protegido será um cidadão consciente? Saberá os seus limites? Um cidadão de família pobre teria os mesmos “privilégios” para “negociar” a sua liberdade? E, além destas perguntas, podemos observar a falta de solidariedade com as vítimas do crime e as conseqüências disto. O correto seria prestar socorro e os familiares serem indenizados, ao invés de pagar advogados e investigadores corruptos. Mesmo sendo preso, provavelmente por um crime culposos, o jovem de classe alta assumindo seu erro contribuiria para reflexões sobre bebida alcoólica e direção de veículos que certamente não combinam. E a falta de solidariedade e subsidiariedade para com as vítimas são nítidas quando o investigador (representante da Justiça) aceita o suborno. Do contrário, a provável punição feita ao rapaz de classe alta contribuiria para que a justiça seja feita independente da classe social dos réus. E, ainda sobre esta questão, o advogado e o pai deveriam ser presos pela tentativa de suborno. E o caseiro por aceitar fazer parte da farsa. Mas, como nada disso ocorreu, observamos uma solidariedade pensando em si (tirar proveito da situação) e não com o bem comum.

A sexta história é chamada de *Hasta que la muerte nos separe*. É um episódio sobre uma festa de casamento de luxo com muitos convidados, comida, músicas, danças e vídeos. Em certo momento, a noiva (Romina) desconfia de uma das convidadas que é colega de trabalho de seu noivo (Ariel). Ao fazer o teste por meio de uma ligação, descobre que seu noivo mentiu e que aquela moça da qual estava desconfiada era a sua amante. Desapontada e perplexa, a noiva foge da festa depois de demonstrar sua decepção para o noivo. Ao subir as escadas para a cobertura do prédio, aproxima-se do cercado dando a entender que tentaria suicídio. Mas, no exato momento um cozinheiro da festa, que estava fumando no local, impede a moça de cometer tal ato e a consola. Como convidada, a noiva começa a beijar o rapaz. Em seguida ocorre um corte da cena para o noivo que está subindo as escadas. No momento em que chega à cobertura percebe que os sapatos de sua noiva estão no chão. Ao olhar para o lado, flagra ela fazendo sexo com o cozinheiro. Não se sentindo constrangida, a noiva diz a seu noivo que não pode reclamar e que vai adquirir todos os bens que ele herdará de sua família rica e irá fazer de tudo para não se separar dele como punição pela traição sofrida, pois após a sua morte ficará com todos os bens de sua família. Nas cenas seguintes a festa continua com o reaparecimento do casal. Romina pede para tocar músicas mais agitadas e convida a amante de seu noivo para dançar que aceita constrangida. Depois de rodopiarem, Romina joga a amante de seu noivo contra uma porta de vidro e sofre vários ferimentos necessitando ser hospitalizada. Depois o noivo aparece dizendo para Romina que foi aconselhado pelo advogado da sua família a denunciá-la por ameaça. Reagindo de forma irônica, Romina acusa sua futura sogra de ter aconselhado seu noivo. Depois de muitas confusões, Ariel se aproxima do bolo de casamento com uma faca causando espanto de todos com receio de que ali poderia ocorrer um crime. Porém, ele corta um pedaço e come o bolo. Deixa a faca de lado e vai em direção de sua noiva que está sentada e chorando. Ele estende as mãos e a faz ficar em pé. Uma música romântica é tocada ao fundo e o casal começa a se beijar. Os convidados não entendem nada e começam a deixar a festa. Depois de várias confusões o filme termina com uma cena de beijos ardentes entre o casal dando a entender que estava prestes a acontecer uma relação sexual no meio do salão.

Este é o episódio que, talvez, menos podemos explorar os princípios de solidariedade, subsidiariedade e participação para pensar no bem comum, pois as respostas dos discentes sobre o comportamento dos personagens resultará na manifestação de reflexões muito pessoais dos discentes. O professor pode sugerir, ao término deste episódio, a temática sobre o relacionamento conjugal e a relevância dos pares praticarem solidariedade, subsidiariedade e participação. Os alunos deverão expor as causas e consequências da existência ou não destes princípios nos relacionamentos. Mas, é necessário evitar qualquer julgamento de valor por se tratar de uma questão muito

peçoal para cada indivíduo. O importante é demonstrar com tais princípios contribuem para relacionamentos conjugais em diversos aspectos.

### **Durval discos**

Este é um daqueles filmes brasileiros que fazem parte do cenário alternativo por não ser conhecido do grande público em nosso país como outras produções mais populares. Porém, muitas vezes é apresentado em projetos universitários que pretendem fazer o público conhecer filmes independentes do Brasil e de outros países, saindo da esfera *hollywoodiana* de produções dos Estados Unidos.

*Durval Discos* foi lançado em 2002 e teve a direção de Anna Muylaert que ganhou maior notoriedade com o filme *Que Horas Ela Volta?* de 2015 e tendo recebido várias premiações por esta produção, além de ter sido escolhido pelo Ministério da Cultura para representar o Brasil na tentativa de ser indicado ao Óscar de Melhor Filme Estrangeiro na premiação de 2016. Ambos os filmes citados aqui também foram roteirizados por Anna Muylaert.

Em sala de aula, este filme pode ser apresentado em três partes de aproximadamente trinta minutos, possibilitando uma discussão nos minutos finais sobre o que foi assistido por todos. Nos próximos parágrafos será feita uma apresentação do filme e as reflexões propostas para cada uma das três partes.

O enredo de *Durval Discos* ocorre em Pinheiros, zona oeste de São Paulo, em 1995. Durval e sua mãe, Carmita, moram isolados no fundo da loja de discos de vinil intitulada “Durval Discos”. No decorrer do filme, alguns amigos e clientes de Durval entram na loja para conversar ou comprar discos. Porém, as vendas são fracas. Em dado momento, um cliente pergunta a Durval se ele tinha para vender o novo disco da banda Skank e o proprietário responde de forma afirmativa apresentando o LP do referido grupo musical. O cliente espantado pergunta se não havia o CD ao invés do LP e Durval diz que não, pois sua loja é um lugar que “vende discos”. Depois de perder a venda, um colega seu surge e pergunta para Durval quando ele vai vender CDs, já que “os anos 2000 estavam chegando com a era do CD” e que o “vinil já era”. E, além disso, a qualidade do som do CD era melhor. Durval retruca seu colega acreditando que o vinil jamais acabaria e que apesar do som do CD ser melhor, “a música do vinil” era insuperável.

A loja Durval Discos ficava ao lado de uma sorveteria na qual a proprietária era amiga de Durval cuidava de seu neto de dois anos de idade. Nesta sorveteria trabalhava a funcionária Elisabeth que era amiga de Durval. Em determinado momento, Durval e sua mãe decidem contratar uma empregada doméstica e resolvem pagar R\$ 100 reais ao mês. Depois de várias entrevistas, surge Célia, uma linda moça que aceita receber o baixo salário. Em um determinado dia,

depois de ter servido coxinhas de frango no almoço para Durval e sua mãe, Célia pede licença para ambos a fim de “resolver algumas coisas na rua”. Depois disso, Célia desaparece. No dia seguinte, Durval e sua mãe entram no quarto de Célia para saber se ela estava lá e encontra uma menina de cinco anos apelidada de Kiki. Ao mesmo tempo encontram uma carta de Célia pedindo para que cuidassem da filha dela por uns dias. Durval fica indignado com a situação, mas sua mãe Carmita adora, já que sempre manifestava o desejo de ter netos.

Nesta primeira parte do filme, apresentado em trinta minutos de aula, o docente pode apresentar alguns momentos do filme em que percebemos a solidariedade. A preocupação de um amigo de Durval a orientá-lo a vender CD, pois o LP deixaria de ser vendido em grande quantidade ao acompanhar o avanço da tecnologia e as tendências do mercado. A subsidiariedade de Durval tentando valorizar a relevância histórica do vinil para os fãs deste produto e estimular o consumo dos diferentes gêneros da música brasileira (tocadas em sua vitrola) e que fazem parte da trilha sonora do filme. Apesar de existirem estas situações opostas (CD e modernidade X LP, resistência e nostalgia), os dois exemplos citados neste parágrafo podem resultar nas mais diferentes opiniões dos alunos depois de serem feitas as seguintes perguntas: é ético “abrir mão” do que gosta e vender aquilo que não admira (Durval gostar do LP, mas vender o CD) para sobreviver no mercado? É ético sugerir a alguém que não pediu a sua opinião vender outra coisa (o amigo de Durval dizendo que o LP vai acabar e a o momento era do CD) achando que está ajudando? Neste momento, pode-se observar muitas opiniões subjetivas sobre o que é “certo” ou “errado” e possibilitam, dependendo de como o sujeito recebe o conselho de seu amigo, uma aproximação maior de confiança (pela orientação) ou o distanciamento (entendendo o conselho como algo negativo). Uma relevante reflexão sobre relações de amizade.

Na segunda etapa do filme Durval e Carmita cuidam de Kiki e fazem vários passeios, andam de charrete, compram brinquedos, fazem brincadeiras e dançam diversas músicas brasileiras dos anos 1970 e 1990 das quais Durval adorava. Elisabeth, a funcionária da sorveteria, fica curiosa e tenta conhecer a menina e propõe apresentá-la para o netinho de sua patroa. Porém, Durval evita expor a menina. Passados alguns dias a trama passa por uma reviravolta que efetivamente prende a atenção do espectador. Em dado momento, quando Durval, Carmita e Kiki estão assistindo o programa infantil *Glub Glub* da Rede Cultura de Televisão na sala, a menina pede licença para ir ao banheiro. Em alguns segundos a programação é interrompida pelo plantão da emissora para anunciar um tiroteio entre a polícia e um grupo de sequestradores. Estes teriam sido presos e uma integrante faleceu no confronto. Logo aparece a sua foto de Célia (a empregada doméstica contratada por Duval). A notícia informa que Célia sequestrou uma garota (aparecendo a foto de Kiki na tela) que estava desaparecida. O delegado que cuidava do caso menciona, na

mesma reportagem, que os sequestradores presos não sabiam do paradeiro da menina e que somente Célia poderia informar. Mas como ela faleceu em meio ao tiroteio era impossível saber onde estava a menina. Ao final da reportagem surge a mãe de Kiki chorando e pedindo ao público que se alguém souber alguma informação sobre sua filha que entrasse em contato. Naquele instante, a mãe de Durval desliga a televisão e diz: “Vou desligar isso. Só traz notícia ruim”.

Durval fica desesperado ao saber que Kiki era uma menina sequestrada e que a sua casa na prática era o cativo da menina. Ele e a sua mãe resolvem entrar no quarto de Célia para ver se descobrem alguma coisa e encontram um revólver. Carmita fica apavorada e vai guardar a arma em seu quarto. Em seguida Durval decide ligar para a polícia, mas sua mãe o faz mudar de ideia. Diz que já era tarde e a “coitadinha precisava jantar”. Então, ambos decidem ligar pra polícia por volta das 11h do dia seguinte. Quando chega o momento, Durval está sozinho e descobre que a sua mãe saiu de casa momentaneamente. Quando ela chega Durval demonstra irritação. Mas Carmita alega que saiu para fazer compras e deixar umas “lembrancinhas” para Kiki como presente. Durval fica mais irritado ainda quando descobre que os presentes para Kiki foram comprados com o dinheiro que eles guardavam na poupança. Em seguida, Durval tenta ligar para a polícia, mas é convencido pela sua mãe para deixar pra depois do almoço, já que a menina poderia “estar com fome”. Nos momentos seguintes, Kiki olha pela janela e vê um homem com uma charrete e seu cavalo. Ela fica impressionada e diz que gostaria de ter o cavalo. Carmita, sem hesitar, vai atrás do homem e compra o animal. Logo o cavalo entra dentro da casa, passando pela sala, cozinha e até chegar ao quintal. Durval fica desesperado achando que sua mãe estava ficando louca. Ele pega o telefone a fim de ligar para polícia, mas no mesmo instante descobre que sua mãe cortou o fio telefônico. O clima fica tenso entre ele e a sua mãe enquanto Kiki brinca vestida de fada montado no cavalo. Nos momentos seguintes Elisabeth (a funcionária da sorveteria ao lado) invade a casa e descobre que Kiki era a menina sequestrada que apareceu na televisão. Ela diz que vai chamar a polícia, mas Carmita tenta despistar convidando-a a tomar um “cafezinho”. Elisabeth diz: “eu não quero café. Eu quero é chamar a polícia”. Carmita a reprende dizendo “você vai, sim, tomar um cafezinho”. Enquanto a cena corta para a imagem de Durval desconsolado abraçando Kiki que ainda estava brincando com o cavalo, ouve-se o som de um disparo de arma. Durval foi até o local para saber o que aconteceu e descobre que sua mãe assassinou Elisabeth com a arma que havia guardado e era pertencente a sequestradora. “Mãe, você matou a Elisabeth?”, pergunta Durval. Carmita responde: “não, a arma disparou”. Neste momento, o professor pode interromper o filme e deixar a última parte para a aula seguinte, criando um clima de “suspense” para os alunos que são os telespectadores.



Sobre o segundo ato do filme apresentado nos dois parágrafos anteriores, o docente pode explorar a presença e a ausência de solidariedade e subsidiariedade no comportamento humano. A princípio, mesmo resistente, Durval cria laços com a menina com grande entusiasmo de sua mãe que se sente como se fosse a avó dela (a personagem não tinha netos e sentia falta disso). Ao mesmo tempo, o mesmo apego sentimental de Carmita faz ela impedir que Durval avise a polícia sobre o paradeiro da criança. Aqui percebemos a falta de solidariedade e subsidiariedade para com a família da menina, principalmente a mãe dela, após descobrir que foi sequestrada. Neste momento o docente pode fazer o seguinte questionamento: até que ponto o apego afetivo compromete nosso comportamento racional pensando no bem de todos? Não podemos imaginar que tal situação (não avisar a família sobre o paradeiro da criança) é algo rotineiro no mundo real, ainda mais partindo de uma senhora idosa. Mas a bajulação e a superproteção (percebida no filme pelo comportamento de Carmita em relação a menina) pode ou não atrapalhar o desenvolvimento de maturidade pessoal do indivíduo? A experiência em sala de aula ao levantar esta questão permite afirmar que muitos alunos vivenciam ou presenciavam tal situação no ambiente familiar. Um tema relevante para reflexão e vários debates em sala de aula sobre o comportamento social no núcleo familiar.

Na terceira e última parte do filme a tensão só aumenta. Durval estava presenciando dois crimes: um sequestro e um assassinato. Sua mãe, sem noção do ato que cometeu, insistia em agradar Kiki levando-a para brincar com o cavalo em seu quarto. A trama chega ter momentos de um terror em forma de comédia quando Kiki pinta a parede com o sangue do cadáver de Elizabeth. Durval fica desolado com a situação enquanto a sua mãe diz que vai preparar a janta, depois de arrumar o guarda-roupa tirando e colocando as roupas e cobertas da mesma gaveta. Neste momento, percebe-se que Carmita ficou louca. Durval, sem opções, abre a janela e chama a sua vizinha que está à procura de Elisabeth dizendo que se ela não aparecer vai perder o emprego. Durval simplesmente diz: “chama a polícia, por favor, e não discuta”. Nas cenas seguintes a polícia aparece e a verdadeira mãe de Kiki vai buscar a sua filha. Na última cena, surge a imagem de operários da construção civil derrubando a casa e o letreiro “Durval Discos” da loja. É o final do filme.

O desfecho da película sem um “final”, não mostrando o que aconteceu com Durval e sua mãe, certamente vai causar a indignação dos alunos. O que fica para o telespectador é a imaginação do que aconteceu. Sabemos apenas que a loja de discos faliu, provavelmente por não atender a demanda de consumo pelo CD e os avanços da tecnologia. Neste ano de 2022 já temos a noção de que o próprio CD, também, perdeu espaço para músicas baixadas na internet e serviços de *Streaming* como o *Spotify*, além da disponibilidade no *Youtube*. Apesar desta temática ser ótima para entender as mudanças da tecnologia ao longo do tempo, pretende-se explorar a presença de solidariedade, subsidiariedade e participação na última parte do filme. Todas elas são percebidas na atitude de

Durval e sua vizinha ao chamar a polícia e devolver a garota para a família dela. Algo que certamente todos os alunos concordarão.

Podemos perceber que *Durval Discos* é um filme agradável para assistir em qualquer momento, principalmente em família. Infelizmente o seu final é aberto, como mencionado no parágrafo anterior. Mas, independentemente disto, não deixa de ser relevante para quem gosta de cinema e gosta de utilizá-lo em sala de aula.

### Considerações finais

A busca pelo respeito nas relações sociais faz parte da consciência cidadã na preparação escolar do aluno. Neste sentido, o cinema é um elemento interessante. Afinal, o enredo de um filme possibilita ao telespectador refletir sobre suas ações em sociedade nas mais diversas situações. E ambos os filmes apresentados neste artigo provocam várias reflexões sobre o comportamento dos indivíduos no meio onde vivem. A ficção das duas produções permite ao professor explorar os diversos elementos inseridos nas tramas e colocá-los como objetos de análise crítica por parte dos discentes. E, além disso, fazê-los perceber que o cinema é mais do que entretenimento e distração nas horas de lazer. Vale acrescentar que os dois filmes não fazem parte do universo de *Hollywood*, dominante nas salas de cinema e serviços de *streaming*, e são alguns exemplos de ótimas produções do cinema brasileiro e argentino. O que chama a atenção para buscar novas experiências, sem desconsiderar a relevância das produções *hollywoodianas*. Neste sentido, o conteúdo tratado no presente artigo permite contribuir para a relevância do cinema em sala de aula nas disciplinas eletivas das Ciências Humanas e explorar competências como: empatia, colaboração, responsabilidade e cidadania; pensamento crítico e criatividade; e abertura a novas experiências. E, além destas, potencializar a prática da escrita-reflexiva de nossos discentes.

### Referências bibliográficas

BADUY, Renato Staevie; CARVALHO, Paulo Roberto de; PASSINI, Pedro Mestre. *Cine y psicología: un análisis acerca de los procesos de subjetivación en la contemporaneidad*. Maringa: Psicologia em Estudo, 2015.v.20, n 3, p. 389-398.

DURVAL DISCOS: Direção: Anna Muylaert. Distribuidora: Europa Filmes. 2002. Brasil. Filme (96 min). Color. Língua original: português.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GUATTARI, Felix. & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005

GUZZO, Mauriceia Soares Pratisssolli. Ética e Legislação. Colatina: CEAD/IFES, 2011.

KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

NAPOLITANO, Marcos Francisco. *Como usar o cinema em sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RELATOS SELVAGENS. Direção: Damián Szifron. Distribuidora: Warner Bros. 2014. Argentina. Filme (122 minutos). Color. Língua original: espanhol. Título original: Relatos Salvajes.

SERTEK, Paulo. Desenvolvimento organizacional e comportamento ético. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2002.

TAILLE, Yves de La. Limites e Educação. *Psicologia Brasil*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 5-9, 2003